

**CRENÇAS DOS ALUNOS
EM SALA DE AULA: SE A
TRADUÇÃO FOSSE...¹**

OLIVEIRA, Alessandra Ramos²

¹ Parte do conteúdo deste artigo foi apresentada em comunicação intitulada **Ensino de tradução: crenças que os alunos levam para a sala de aula**, durante o IX Encontro Nacional de Tradutores e III Encontro Internacional de Tradutores, realizado em Fortaleza, em setembro de 2004.

² Professora do curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília.

RESUMO: No contexto do crescente interesse que a tradução vem despertando nos últimos anos, tem se reconhecido a relevância dos estudos voltados ao ensino ministrado em nível superior em geral e às questões referentes ao que se tem denominado crenças dos aprendizes/tradutores mais especificamente. Neste sentido, este trabalho tem o objetivo de contribuir para a compreensão das crenças de aprendizes/tradutores a respeito da tradução, a partir do universo específico de alunos universitários. Para tanto, foram utilizados textos produzidos pelos próprios alunos, em momentos em que podiam manifestar livremente sua opinião acerca de seu objeto de estudo. A análise de tais textos permite desvelar até que ponto esses alunos se filiam, mesmo sem consciência de tal fato, a posicionamentos considerados tradicionais por autores mais contemporâneos na teoria da tradução, o que pode trazer informações valiosas para professores e coordenadores envolvidos na formação do tradutor nas instituições de ensino superior brasileiras.

Palavras-chave: tradução; ensino de tradução; crenças; alunos.

ABSTRACT: Due to the growing interest in translation over the past years, the relevance of studies dealing with the teaching of translation at third level has been acknowledged. Those have to include issues which are concerned more specifically with student\translator's beliefs about translation. The present paper discusses the beliefs of university students\translators based on texts written by the latter during activities in which they could freely express their ideas about translation. The analysis of those texts allows us to assess to what extent the students adopt positions criticized as being traditional within the contemporary debate among scholars. Hopefully, such analysis can provide university teachers of translation and programme supervisors with valuable information concerning the teaching of translation in higher education institutions.

Keywords: translation, translation teaching, students' beliefs.

I. INTRODUÇÃO

Não se discute mais o *status* privilegiado da tradução dentro da academia no que se refere à possibilidade de o pesquisador de tradução realizar estudos multidisciplinares e fazer questionamentos que interessam também a áreas diversas como a história e a antropologia, por exemplo. Tampouco é novidade que a pesquisa em tradução deve muito a conhecimentos que busca em campos dos mais variados. Entre esses, a Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas, ocupada em entender melhor os mecanismos que influenciam, positiva e /ou negativamente, a relação entre professor e

aluno em sala de aula, tem se mostrado de extrema utilidade para aqueles que se dedicam ao ensino de tradução.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por finalidade verificar, utilizando o conceito de crenças, o que os alunos sobre a tradução quando podem dar suas opiniões informalmente e sem avaliações para notas ou outros tipos de preocupação. O estudo de pressupostos que esses alunos têm sobre sua área de atuação, que envolvem inclusive aspectos que podem ter reflexos após o período de formação, no momento de celebrações de contratos de trabalho, por exemplo, pode ser de muita valia para que respostas possam ser dadas a perguntas como “é possível aprender tradução?”, “que habilidades são necessárias na formação de um tradutor?”, “como trabalhar com tradução em sala de aula” e, finalmente, “o que mudou depois de tanta discussão teórica sobre a tradução?”.

Este trabalho tem início com uma pequena revisão do conceito de crenças na lingüística aplicada e sua aplicação à tradução. Em seguida, é feita uma explicação sobre o material produzido pelos alunos, que serve como *corpus* para a análise e conseqüente conclusão com a qual este texto termina.

2. CRENÇAS: LINGÜÍSTICA APLICADA E TRADUÇÃO

Com o crescimento do número de cursos técnicos, de graduação e pós-graduação voltados à formação de tradutores e pesquisadores em tradução, aumentou também o interesse pelo estudo dos aspectos envolvidos no ensino de tradução, tanto por parte daqueles diretamente ligados à sala de aula (professores e alunos) quanto por parte dos pesquisadores. Para tentar tornar suas aulas mais ricas ou tentar achar algumas respostas para as muitas questões relacionadas ao ensino/aprendizagem da tradução, muitos desses profissionais se voltaram para uma área que se dedica especialmente às relações entre conteúdo, professores e alunos e que tem se mostrado muito generosa para a tradução: a lingüística aplicada.

Nesse sentido, um dos conceitos bastante utilizados pelos lingüistas aplicados e que vem, cada vez mais, sendo empregado para o entendimento da tradução é o de crenças. Embora não seja

uma noção difícil de entender, alguns de seus aspectos devem ser lembrados para que se possa chegar ao final deste artigo.

Inicialmente, deve-se esclarecer o que se entende por crenças. De acordo com Barcelos (2001, p. 72), a complexidade desse conceito está ligada à existência de uma variedade de termos utilizados por diferentes autores para se referirem a ele. A autora cita termos como “representações dos aprendizes”, utilizado por Holec (1987), “filosofia de aprendizagem de línguas”, adotado por Abraham & Vann (1987), “conhecimento metacognitivo”, de Wenden (1986) e “cultura de aprender línguas”, usado por Almeida Filho (1993) e pela própria Barcelos (1995)⁵. No entanto, a autora emprega, em artigo de 2001, o termo “crenças sobre aprendizagem de línguas”, que define como “opiniões e idéias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas” (BARCELOS, 2001, p. 72).

Há também a definição de Pagano, para quem as crenças são “todo pressuposto a partir do qual o aprendiz constrói uma visão do que seja aprender e adquirir conhecimento” (2003, p. 9). A autora, mais adiante, delimita o conceito de crenças para adaptá-lo à tradução e afirma que as crenças relativas à “tradução e (a)o tradutor são, assim, todas aquelas percepções que se tem sobre o que seja traduzir, o que é uma boa tradução, o papel do tradutor” (p. 11).

Assim, parece possível e útil adotar o termo “crenças” no que se refere à tradução, para que se possa entender

⁵ Trabalhos citados em Barcelos, 2001, p. 72:

HOLEC, H. The learner as manager; managing learning or managing to learn? In: WENDEN, A; RUBIN, J (Ed.) *Learner strategies in language learning*. London: Prentice hall, 1987. P. 145-156.

ABRAHAM, R. G.; VANN, R. J. Strategies of two language learners: a case study. In: WENDEN, A; RUBIN, J (Ed.) *Learner strategies in language learning*. London: Prentice hall, 1987. P. 85-102.

WENDEN, A. Helping language learners think about learning. *ELT Journal*, v. 40, n. 1, p. 3-12, 1986.

BARCELOS, A. M. F. A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras. 1995. 188f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas. Embora o trabalho de ALMEIDA FILHO (1993) não se encontre listado nas referências bibliográficas de Barcelos (2001), talvez por esquecimento da autora, ele é item de referências bibliográficas deste artigo.

e questionar o que está muito próximo do senso comum, ou seja, as respostas para perguntas como “o que é tradução?” e “o que é preciso para traduzir?”, as quais, sem dúvida, sempre surgem em momentos em que se deseja discutir currículos de cursos, por exemplo. Para Oliveira (2002), o estudo das crenças referentes à tradução é especialmente importante devido às muitas exigências a que o tradutor (e, conseqüentemente, o aluno de tradução) está sujeito:

Para alguns, o conhecimento e quem se dedica à tradução deve ser comparável ao de Deus. O candidato a tradutor deve ter conhecimento detalhado das línguas com as quais vai trabalhar, em todos os seus aspectos (gramaticais, semânticos, pragmáticos etc.). Também deve conhecer, como se fossem a sua própria, as culturas envolvidas, “os costumes, a história, a geografia, o folclore, as instituições do país de cuja língua traduz, além de se munir da indispensável cultura geral” (RÓNAI, 1975, p. 30)⁶. Deve ainda estar apto a trabalhar com todos os instrumentos que lhe possam ser úteis, como Internet, programas de computador que auxiliam a tradução e dicionários e glosários impressos e eletrônicos. Não se pode esquecer do conhecimento técnico, no caso de ter de traduzir textos de áreas específicas. Deve assistir à televisão, ler os jornais e as revistas, ouvir as músicas, ler os clássicos e a literatura contemporânea. Somada a todas essas obrigações, está o dever de fidelidade ao original, Ou seja, o tradutor deve fazer uma transcrição completa das idéias do original, manter seu estilo e fluidez (TYLER, 1813, p. 9 *apud* JOSEPH, 1995, p. 16)⁷. ... Como fazê-lo em uma só vida? (p. 15)

Embora, pela leitura da citação acima, fique claro que se tornar um tradutor parece ser uma tarefa humanamente impossível, os alunos, professores e profissionais da tradução são influenciados, em sua aprendizagem e em seu trabalho, pelas crenças a respeito do ato tradutório que motivam as expectativas exemplificadas por Oliveira.

Em seu trabalho de 2002, Oliveira se dedica a discutir as relações entre professor e aluno em sala de aula de tradução e parte da concepção de abordagem, empregada na lingüística aplicada e definida por Almeida Filho como

⁶ Rónai, P. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

⁷ Tyler, A. F. **Essay on the principles of translation**. London: Dent; New York: Dutton, 1813.

uma filosofia de trabalho, um conjunto de pressupostos explicitados, princípios estabilizados ou mesmo crenças intuitivas quanto à natureza da linguagem humana, de uma língua estrangeira em particular, de aprender e de ensinar línguas, da sala de aula de línguas e de papéis de aluno e de professor (1993, p. 13).

Oliveira afirma que, na área de ensino de tradução, a abordagem está relacionada “às crenças sobre o que seja o ato tradutório e o que ele envolve e sobre o que é esperado do tradutor, do professor de tradução e do aluno de tradução na sala de aula” (2002, p. 15) Para ela, a prática de tradução (e, acrescente-se, também discussões de cunho mais fortemente teórico sobre a tradução) em sala de aula não é

atividade autônoma e independente do ambiente cultural em que está inserida, uma vez que se desenvolve da forma permitida por essas crenças e pelos papéis assumidos pelas pessoas envolvidas (professor e alunos), os quais são definidos, novamente, pelas expectativas desses mesmos indivíduos. (p. 15-16)

Pagano também segue esse raciocínio. Em sua opinião, da mesma forma que ocorre com os alunos de língua estrangeira (e de qualquer outra disciplina), que têm sua aprendizagem influenciada por suas crenças ou cultura de aprender, para os alunos de tradução, “essas percepções filtram as formas de pensar e abordar a tradução e têm um efeito considerável no desempenho do tradutor-aprendiz e no trabalho a ser desenvolvido” (2003, p. 11)

A relevância social das crenças não foi esquecida por Pagano, que faz o comentário, muito feliz e oportuno, de que, para a tradução,

as crenças comprovadamente desempenham um papel social mais amplo e, portanto, mais crítico, uma vez que além de influenciar a performance do tradutor, elas também determinam a forma como a sociedade em geral tende a avaliar a tradução como profissão e o tradutor como agente dessa atividade. (p. 11)

3. MATERIAL ANALISADO

Para avaliar que tipo de crenças estavam envolvidas no ensino de tradução, optou-se pela utilização, como material de análise, de pequenos textos produzidos em momentos de reflexão sobre a tradução por alunos do Departamento de Lín-

guas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Importante enfatizar, portanto, que o universo avaliado neste trabalho é bastante específico, como ficará claro a seguir

Algumas observações devem ser feitas acerca do *corpus* coletado. Trata-se de textos elaborados em resposta a uma pergunta, em três partes, feita em sala de aula:

Se a tradução fosse

- um objeto,
- um animal,
- uma parte do corpo humano,

o que ela seria?

Esse tipo de pergunta, que obviamente é útil para que os alunos vejam conceitos e idéias de uma perspectiva diferente, mais criativa, foi utilizada para que os envolvidos na atividade pudessem se desligar de discussões teóricas mais densas sobre a tradução e tivessem a oportunidade de pensar em sua futura profissão de maneira descontraída, o que se mostrou uma forma prazerosa de obter dados bastante reveladores⁸.

Uma outra informação relevante para este trabalho diz respeito aos alunos que elaboraram os textos analisados. Eram todos universitários, no curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília, nas habilidades inglês e francês. Estavam, em sua maioria, no segundo semestre do curso, sendo que nenhum deles havia ainda feito nenhuma das disciplinas de prática de tradução, que só começam a ser ofertadas aos alunos quando eles estão no quarto semestre. Assim, é interessante enfatizar que, embora todos tivessem opiniões a dar sobre a tradução, nenhum deles havia ainda tido ainda uma tradução sua avaliada (pelo menos não na universidade).

A atividade foi realizada durante aulas de disciplina que tem o nome de Laboratório de texto I, de redação em língua portuguesa e voltada para alunos de tradução, com duas

⁸ Assim, este trabalho pode se caracterizar como fruto do que Miller e Cunha (2004) chamam de “Prática Exploratória”, que pode ser definida como atividades feitas em sala de aula, com o objetivo de questionar e analisar o que ocorre nas próprias aulas.

turmas diferentes. A primeira turma, a que se aplicou a atividade no primeiro semestre de 2004, produziu seus textos de forma individual, enquanto a segunda, cuja participação se deu no segundo semestre de 2004, trabalhou em grupos. Nos dois casos, não houve nenhum tipo de censura ou avaliação no que se refere às respostas dadas. Os alunos foram estimulados a discutir com colegas, de maneira quase lúdica, e apresentar suas conclusões, tanto na primeira quanto na segunda turma, sem que precisassem se identificar, embora muitos deles tenham preferido assumir suas produções.

A atividade foi realizada da seguinte forma:

No início da aula, após todos os alunos estarem confortáveis, a professora lhes explicou que gostaria de fazer uma atividade de escrita diferente. Disse que, como eram alunos de tradução, naquele dia iriam escrever suas opiniões sobre seu objeto de estudo. Em seguida, esclareceu que seus textos seriam avaliados apenas como material de análise e não como textos preparados para uma aula de redação, de forma que não haveria censura ou notas.

Quando todos estavam prontos, a professora lhes explicou que faria uma pergunta, em três partes, e que eles deveriam responder com o que primeiro lhes ocorresse e só realmente parar para pensar no momento de justificar suas respostas.

Então, a professora leu e escreveu no quadro o texto abaixo, dando aos alunos cerca de 20 minutos para que pudessem responder e justificar suas respostas (na primeira turma, o trabalho foi feito individualmente e, na segunda, em grupos com quatro alunos organizados livremente a critério dos próprios alunos):

Se a tradução fosse

- um objeto,
- um animal,
- uma parte do corpo humano,

o que ela seria e por que?

Os alunos tiveram cerca de 20 minutos para discutir e entregar suas respostas. Mesmo na turma em que os textos

deveriam ser individuais, foi permitida a discussão com os colegas, já que se queria que os alunos estivessem à vontade.

4. RESPOSTAS DOS ALUNOS

Os alunos produziram, ao todo, 27 textos, sendo 20 deles respostas individuais e os outros sete resultado de trabalho em grupo. Neles, foram citados os mais diversos animais, objetos e partes do corpo humano, relacionando-os com a tradução. Embora, muitas vezes, as respostas sejam inusitadas e algumas cheguem a ser engraçadas (como a que compara a tradução a um ornitorrinco, resposta A4 abaixo), a leitura do material permite entender as figuras usadas pelos alunos, já que estes também precisaram explicar o porquê de suas conclusões. Seguem abaixo algumas das respostas dadas, apenas para exemplificar os resultados da atividade.

A. Respostas em grupo

A.1.

Se a tradução fosse....

um animal, seria uma cobra, que é discriminada e tem somente seus piores aspectos ressaltados, nunca seu lado positivo. Aos se ler uma tradução, raramente se observa seus bons aspectos; sobram críticas sobre supostos erros. Além disso, a tradução nunca é fiel e sempre é desvalorizada, como a cobra. Suas qualidades, em geral, são realmente vistas somente por aqueles que as compreendem.

um objeto, seria um livro, pois todos acham que podem escrever um livro, mas, na prática, é diferente. Se você não tem a teoria aliada à prática, provavelmente não conseguirá atingir seu objetivo. Além disso, exige-se, tanto para escrever um livro quanto para traduzir, conhecimento prévio e pesquisa.

uma parte do corpo humano, seria a cartilagem, que é a ligação e a proteção entre os ossos. Da mesma forma, a tradução é a ligação, a comunicação entre os povos. Ambos elementos são indispensáveis mas desvalorizados.

A.2

Se a tradução fosse....

um animal, seria um pirarucu, que nada contra a correnteza buscando alcançar um objetivo e morre tentando. Algumas vezes consegue, outras não.

um objeto, seria uma maçaneta. Abre ou fecha porta para os outros (autores, textos de partida) e retorna ao mesmo lugar depois de executar sua função.

uma parte do corpo humano, seria o apêndice. Só é notado quando resolve dar trabalho. Pode também ser o coração, bombeando sangue e permitindo o fluxo. A tradução impede a estagnação de idéias, possibilita o tráfego de inúmeras correntes de pensamento.

A.3

Se a tradução fosse....

um animal, seria um camaleão, pois a tradução se veste, se adapta diferentemente a cada área e cultura em que é trabalhada.

um objeto, seria uma caneta, pois é um instrumento que, manipulado por diferentes pessoas, transmite culturas e ideologias diversas.

uma parte do corpo humano, seria o pâncreas, pois é um órgão esquecido e até desconhecido, mas de vital importância para o funcionamento do organismo. Da mesma forma, a tradução é um importante veículo de comunicação, já que disponibiliza conhecimentos de diversas áreas e, mesmos assim, não tem sua importância reconhecida pela maioria das pessoas.

A.4

Se a tradução fosse....

um animal, seria um ornitorrinco, pois é versátil, adaptável a vários ambientes, possui características de diversas espécies (ou áreas). O Ornitorrinco tem bico de pato mas não é pato, tem rabo de castor mas não é castor, tem pêlos mas não é macaco, nada mas não é peixe.

um objeto, seria um canivete suíço, que reúne em si uma gama de funções, sendo, portanto, muito útil e, ao mesmo tempo, prático.

uma parte do corpo humano, seria o sangue, pois ele transporta substâncias (conteúdo) a qualquer parte do corpo, assim como a tradução, que leva a mensagem para qualquer idioma do mundo.

B. Respostas individuais

B.1

.**Se a tradução fosse....**

um animal, seria uma camelo, que transporta pessoas em desertos, muitas vezes contando com o mínimo de recursos (água, alimento, descanso), para suportar a viagem, mas sempre chegando no destino desejado.

um objeto, seria uma lanterna, pois ajudaria as pessoas a encontrar caminhos, iluminando os pontos escuros.

uma parte do corpo humano, seria as mãos, que tateiam, que sentem, que afagam, que abraçam, que ajudam, que são tão indispensáveis que ó pensamos nelas quando somos privados de usá-las.

B. 2

Se a tradução fosse....

um animal, seria uma águia, para viajar e conhecer várias culturas, diferentes povos e, assim, compreender cada local com suas respectivas peculiaridades. Dessa forma, ela diminuiria bastante os seus erros e faltas.

um objeto, seria um espelho, assim ela poderia observar como os outros se vêem. Dessa forma, poderia traduzir a real essência de cada um, exatamente como cada um se vê e não como os outros descrevem o seu semelhante. Só assim seria possível descrever de forma correta o que o autor quis dizer numa determinada obra.

uma parte do corpo humano, seria os olhos, para traduzir as coisas em seus mínimos detalhes.

B.3

Se a tradução fosse....

um animal, seria um camaleão, que sempre se modifica de acordo com o ambiente que está, mas não se transforma no ambiente, continua sendo um animal, um camaleão.

um objeto, seria um guarda-chuva, apesar de proteger contra a chuva – função principal -, pode proteger contra o sol, Da mesma forma, a tradução serve para nos mostrar a obra de um autor – o original – mas mostra também o tradutor e todo o seu “background”.

uma parte do corpo humano, seria a boca, porque a boca “traduz”, transforma o que se passa dentro de nós, no nosso cérebro, pensamentos, para o mundo exterior em forma de palavras. Da mesma forma, a tradução transforma uma coisa em outra que não é “equivalente”, isto é, transforma uma língua em outra.

B.4

Se a tradução fosse....

um animal, seria um pássaro, porque ele é um dos animais que visitam mais países em menor tempo por voar, o que significa menos obstáculos.

um objeto, seria uma ponte, pois a tradução possibilita a obtenção do conhecimento contido num texto da língua de partida na língua de chegada.

uma parte do corpo humano, seria o coração, que bombeia sangue para todo o corpo. Como a tradução, que pega um texto (obra) numa língua específica e o traduz para várias outras línguas, em diversos países, possibilitando o acesso a esse texto (obra).

5. PRINCIPAIS CRENÇAS OBSERVADAS

Os textos dos alunos foram analisados e foi possível agrupá-los em função da crença que permitiam identificar. A relação entre as crenças, as figuras/imagens usadas pelos alunos e o número de textos que manifestou essas crenças pode

ser observada na tabela abaixo. Vale notar que muitas vezes as respostas dadas podem estar ligadas a mais de uma crença, uma vez que visões como a “tradução mantém o sentido do original” e a “tradução leva a carga semântica” estão muito próximas e relacionadas uma com a outra. Também deve-se ressaltar que nem todas as respostas foram listadas, já que tal nível de detalhamento não pareceu apropriado para esta publicação.

	crenças	figuras utilizadas	nº de resp.
1	Tradução ilumina o caminho, expande o conhecimento e a interação	Lanterna, abajur, lâmpada, óculos, canivete suíço, caneta, quadro, águia, pássaro, formiga, coração, olhos, sangue, cérebro, cordão umbilical, cartilagem, língua	29
2	Tradução mantém o sentido/essência/verdade do original	camaleão, pássaro, burro, papagaio, cavalo, espelho, aparelho de raio-x, olhos, ouvido, coração, sangue, aparelho digestivo, língua, cabelo, cubo mágico, tecido/vestimenta, computador/máquina (que passa uma língua para outra), balança	22
3	Tradução abrange muitas áreas e é trabalhosa	Livro, pasta com divisórias, canivete suíço, quebra-cabeças, cubo mágico, ornitorrinco, burro, camelo, cavalo (indomável, vontade própria), formiga, mão, apêndice, cérebro	22
4	Tradução é inferior, desvalorizada	burro, águia (para ver mais e "diminuir o número de erros da tradução"), cobra, pirarucu, apêndice, pâncreas ("importante mas pouco lembrado"), olhos ("trabalho não será perfeito"), boca (polêmica), quebra-cabeças, papagaio	15
5	Tradução leva a carga semântica (significado) ou permite o acesso a ela	Camelo, burro, porta, maçaneta, ponte, veículo de transporte, coluna vertebral, língua, sangue, cordão umbilical, dicionário, computador/máquina (que passa de uma língua para outra)	13

No que se refere às crenças listadas na tabela acima, alguns comentários breves podem ser feitos.

1. A tradução ilumina o caminho/traz conhecimento

Visão romantizada da tradução, que parece ser usada somente para propósitos benéficos. É um posicionamento simplista, já que deixa de lado a resistência que o tradutor pode impor com o seu texto e a força da tradução enquanto instrumento de manipulação política e cultural, como já bem apontaram muitos autores, como André Lefevere, Susan Bassnett e Theo Hermans.

A discussão sobre o poder do conhecimento e do conhecimento como poder não está afastada da tradução. Niranjana, por exemplo, ao aprofundar a discussão sobre tradução e colonialismo, afirma que a tradução sempre foi vista pelos críticos literários no ocidente como a nobre tarefa da construção de pontes entre povos diferentes, e que apenas estudos recentes começaram a questionar a “cumplicidade histórica no crescimento e expansão do colonialismo europeu nos séculos XIX e XX por parte daqueles interessados em traduzir textos não-ocidentais (por exemplo, missionários engajados em expandir o cristianismo)” (NIRANJANA, 1992, p. 47-48)

2 - A tradução mantém o sentido do original e 5 - A tradução leva a carga semântica ou permite o acesso a ela

Essas crenças foram agrupadas porque os comentários que podem ser feitos ao seu respeito são muito próximos. A tabela deixa claro que foram muitas as respostas dos alunos relacionadas à visão tradicional de língua e tradução. Trata-se da noção de que existe um sentido único no texto, que pode ser resgatado pelo tradutor e reproduzido no texto de chegada. Essa visão pressupõe, além do sentido único, que o tradutor consegue extrair o significado desejado pelo autor do texto e que há uma relação de simetria entre as línguas, unidas, supostamente, pela existência de um repositário virtual de significados estanques que podem, pacificamente, ser empregados pelo tradutor em seu texto. Essas são algumas das características da visão chamada de logocêntrica por autores mais modernos, que a vêem como um posicionamento simplista no que se refere às complicações envolvidas em uma atividade em que duas línguas estão em contato. A crença em um sentido único é explicada pela força das idéias humanistas, pela noção de que o homem pode interpretar o mundo de forma unívoca e, finalmente, chegar à verdade escondida no texto e que simplesmente é dita mediante o uso de palavras (ou invólucros) diferentes. Infelizmente, esse posicionamento não considera questões importantes colocadas por estudos mais recentes, como os que se dedicam a

analisar a tradução enquanto produto de decisões interpretativas nem sempre conscientes⁹ e os que discutem relações de poder entre nações e línguas.

3 – A tradução abrange muitas áreas e é trabalhosa e 4. A tradução é uma atividade inferior, desvalorizada

Essa visão de tradução é resultado das muitas cobranças que se faz do tradutor. Está firmemente associada à crença de que o tradutor tem de conhecer tudo, como já foi discutido anteriormente, na seção 2 deste artigo. Embora o tradutor realmente tenha que estar aberto a novos conhecimentos e formas de pesquisa, o que chama a atenção é a ausência de qualquer imagem ligada a satisfação pessoal ou sucesso. A profissão de tradutor parece mais um ônus, uma carga, um castigo para a humanidade pós-babélica. A baixa auto-estima dos alunos quanto à sua futura profissão se reflete nas respostas. O tradutor precisa ter olhos atentos para evitar erros com olhos e ser como uma águia, para poder voar e aprender para não errar mais. Obviamente, uma categoria que se coloca de forma tão serviçal e humilde tem dificuldades para se impor no mercado de trabalho ou de criar um sindicato forte e unificado. Nesse sentido, vale lembrar que as crenças têm impacto social, influenciando o que o restante da comunidade pensa sobre os tradutores e sendo influenciada por essas opiniões.

6. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, o objetivo foi contribuir para a compreensão das crenças de aprendizes a respeito da tradução. Nesse sentido, parece clara a necessidade de se dedicar maior atenção a formas de questionar as visões mais tradicionais de tradução que os alunos ainda trazem consigo e que são sentidas, de forma mais preocupante, na pouca valorização que os

⁹ Ver, por exemplo, o belo trabalho de FROTA, M. P. **A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise.** Campinas: Pontes, 2000.

alunos dão a seu futuro trabalho e a si mesmos. Essa é certamente a crença que os professores e coordenadores de cursos devem ter em mente quando estiverem planejando atividades. Assim, devem tentar responder sempre à pergunta: com essa atividade, estou ajudando os meus alunos a se tornarem cidadãos e profissionais mais confiantes e capazes ou estou, de alguma forma, perpetuando o papel submisso do tradutor perante a comunidade (produtiva, editorial, acadêmica, por exemplo)?

Embora a análise tenha sido feita com um *corpus* pequeno, recolhido há mais de um ano, acredita-se que as conclusões podem ser consideradas representativas das opiniões que o público em geral tem acerca da tradução, público esse que abrange, obviamente, os alunos que iniciam seus cursos na área. Portanto, parece claro que o melhor entendimento das expectativas e percepções desses futuros profissionais pode contribuir para que os cursos como um todo e as disciplinas, mais especificamente, sejam planejados e preparados de forma mais proveitosa e crítica para que se consiga a valorização do tradutor por parte membros das comunidades em que atuam e, principalmente, por parte dos próprios tradutores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, v. 1, p. 71-92, 2001.

OLIVEIRA, A. R. **A equivalência ilusória**: reflexões sobre o ensino de tradução jurídica. Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília.

PAGANO, A. Crenças sobre a tradução e o tradutor: revisão e perspectivas para novos planos de ação. In PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-28.

MILLER, I.; CUNHA, M. I. **Buscando entender nossa vida na sala de aula.** Oficina ministrada durante o IX Encontro Nacional de Tradutores e III Encontro Internacional de Tradutores, Fortaleza, 30 de agosto de 2004.

NIRANJANA, T. **Siting translation:** history, post-structuralism, and the colonial context. Berkeley – Los Angeles – Oxford: University of California Press, 1992.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTA LÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber